

ENTREVISTA COM ERIC NEPOMUCENO

Luz Mariana Blet¹

¹Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

Eric Nepomuceno é jornalista, escritor e tradutor. Nascido em 1948, começou a trabalhar como jornalista em meados da década de 1960. De 1969 a 1976 trabalhou no *Jornal da Tarde*, de São Paulo, onde foi enviado como correspondente a diversos países da América Latina.

Nepomuceno é reconhecido internacionalmente por ter traduzido para o português diversos gigantes da literatura hispânico-americana, como Gabriel García Marquez, Eduardo Galeano, Juan Rulfo, Julio Cortázar, entre outros.

Cadernos de Tradução [CT]: *Você é jornalista, escritor e se denomina um “escritor que traduz”, como você iniciou na tradução e por que essa denominação?*

Eric Nepomuceno [EM]: É uma forma de deixar claro que não sou tradutor profissional. Entendo que o meu ofício é escrever, e pratico esse ofício em três vertentes: escrevendo ficção, não ficção e traduzindo. Só traduzo o que quero, aceitei pouquíssimas encomendas na vida – quatro, no máximo cinco livros, e sempre de autores que de alguma forma me instigam – e trabalho do meu jeito, ignorando todas as regras determinadas para traduzir.

Comecei por acaso, por razões afetivas: em 1973 fui-me embora do Brasil para Buenos Aires. Comecei a conhecer escritores e me fazer amigo de vários deles. Num tempo em que não havia internet



nem nada parecido, e havia muitas publicações literárias no Brasil, traduzir e publicar aqui meus novos amigos de lá para que meus amigos brasileiros conhecessem era uma forma de apresentá-los, um novo amigo para um antigo amigo. Por isso digo sempre que comecei a traduzir por afeto, e assim continuo até hoje, passados 45 anos e dezenas de livros...

[CT]: *Para você o que é ser tradutor?*

[EM]: É passar para o meu idioma o que o autor escreveu no idioma dele. Um triângulo conjugal onde os três lados merecem fidelidade absoluta: tenho de ser fiel ao autor, ao idioma do autor e ao meu. Não basta conhecer apenas o castelhano: é importante conhecer também a cultura e os hábitos que cercam o idioma. O humor de um uruguaio, por exemplo, é totalmente diferente do humor de um caribenho, e assim por diante. Há palavras cujo sentido mudam radicalmente de sentido. “Cajeta”, por exemplo, é doce de leite na Argentina, e a genitália feminina no México. Imagine o perigo...

[CT]: *Você pode falar um pouco sobre o seu processo tradutório?*

[EM]: Trato de não ler antes. Começo a traduzir como começo meus contos: escrevendo à mão. Aprendi isso com o mestre de mestres Juan Carlos Onetti, grande, gigantesco escritor uruguaio: à mão, você escreve muito mais devagar que no teclado. As palavras, então, ganham outro peso. Quando faço uma tradução de livro já lido, trato de fazer um imenso exercício e esquecer tudo. Traduzo, repito, como escrevo contos: gosto de ir aos poucos, e terminar a jornada com a mesma ansiedade pelo que virá depois. Também já disse, e repito aqui: traduzir, para mim, não é você estar numa poltrona de trem vendo a paisagem pela janela. Não, não: é você entrar na paisagem e mostrá-la para quem está na poltrona olhando pela janela...

[CT]: *Você é reconhecido como tradutor e amigo pessoal de grandes nomes da literatura latino-americana, como Garcia Márquez, Cortázar, Galeano Benedetti, Juan Rulfo, entre outros. Poderia nos contar um pouco sobre essa experiência?*

[EM]: A vida é feita de acasos. Conheci Eduardo Galeano em março ou abril de 1973, recém-chegado a Buenos Aires, onde ele estava criando a *Crisis*, que foi a mais importante revista cultural latino-americana do seu tempo e insuperável até hoje. A *Crisis* era um porto onde chegavam enormes transatlânticos, esses que você mencionou e muitos outros. Galeano foi me apresentando, e assim surgiu um mundo novo para mim. Claro que eu sabia quem era quem e qual o seu peso. Mas tudo se deu com tanta naturalidade, tanta mansidão, que a fama de cada um deles sumiu na luz do sol.

[CT]: *Você deve ter inúmeras histórias e anedotas de trabalho envolvendo algum desses nomes, poderia nos contar alguma?*

[EM]: Conto uma, com o García Márquez: quando terminei os “Doze contos peregrinos”, mandei para ele um fax – sim, naquele tempo era fax – com várias dúvidas, palavras que poderiam ter duas leituras opostas, ambas fazendo sentido. Ele respondeu a cada pergunta: “Vá ao dicionário”, “Vá ao dicionário”... Fiquei furioso, e respondi: “Gabo, vá à merda”. Então ele ligou dizendo que de todos os que traduziam o que ele escrevia, eu era o único que não tinha o direito de perguntar o que fosse. Com o Galeano, a norma – super rigorosa – era revermos tudo lado a lado. Ele conhecia perfeitamente o português brasileiro. E conforme revisávamos, as palavras iam mudando, sempre de acordo com ele ou por iniciativa dele. Por isso, lendo Galeano no português do Brasil e no castelhano original, há tantas diferenças...

[CT]: *Qual ou quais obras foram mais desafiadoras no processo de tradução e por que?*

[EM]: Cada tradução é um desafio com características próprias. *Pedro Páramo*, por exemplo, é um livro curto – cento e poucas páginas – e deu muitíssimo mais trabalho que outros, de trezentas. Traduzi três peças de teatro do grande espanhol Sanches Finisterra, e poemas do argentino Juan Gelman, do chileno Gonzalo Rojas e agora, em 2021, do bispo catalão Pedro Casaldáliga. Não tem como comparar, são desafios únicos...

[CT]: *Em algumas falas suas em entrevistas que li ou ouvi, você cita a questão do distanciamento do Brasil em relação aos demais países da América Latina. Como você percebe este distanciamento e quais as consequências para a literatura brasileira?*

[EM]: Não só para a literatura, mas para tudo, absolutamente tudo, das artes e da cultura à economia e ao meio ambiente, esse distanciamento tem consequências negativas. O Brasil foi ensinado a viver de costas para a sua realidade. Nossas elites são, além de uma perversão abjeta, negadoras de sua própria identidade. Olham no espelho e se imaginam em Nova York ou Paris (a parte que tem alguma ideia de cultura) ou Miami (a maioria...).

[CT]: *Durante a pandemia você iniciou um belo trabalho de produção de conteúdo audiovisual no Youtube, com projetos como o “Leituras na quarentena” e também produziu vídeos com trechos de obras. Como surgiu essa ideia e como foi este processo?*

[EM]: Minha participação foi apenas aparecer. Todas as ideias e formatos vieram do olhar certo, delicado e metucioso do meu filho Felipe, que faz cinema e vídeos com maestria absoluta. Eu apenas cumpro suas determinações...

[CT]: *Seguindo essa linha de recomendações literárias, quais obras são indispensáveis para quem quer começar a conhecer a literatura hispano-americana?*

[EM]: Pois para quem quiser conhecer a hispano-americana, citarei alguns livros que considero básicos e estão traduzidos no Brasil:

Ninguém escreve ao coronel, de Gabriel García Márquez.
Pedro Páramo, de Juan Rulfo.
O jogo da amarelinha, Julio Cortázar.
Eu, o Supremo, Augusto Roa Bastos.
Conversa na Catedral, Mario Vargas Llosa.
A morte de Artemio Cruz, Carlos Fuentes.
O livro dos abraços, Eduardo Galeano.
Pássaros na boca, Samantha Schweblin.
A noiva escura, Laura Restrepo.
Impossível sair da terra, Alejandra Costamagna.

Referências

Cesco, Andréa. Abes, Gilles Jean. Dicionário de tradutores literários no Brasil: Eric Nepomuceno. NUPLITT - Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução, 2010. Disponível em: <https://dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/EricNepomuceno.htm>. Acesso em: 20 set. 2021.

Nepomuceno, Eric. Leituras na Quarentena. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GjEjfEqKmCU&t=11s>. Acesso em: 20 set. 2021.

Recebido em: 12/01/2022

Aceito em: 25/05/2022

Publicado em agosto de 2022

Luz Mariana Blet Email: luz_marianah@hotmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-3216-5550>.